

**Tiago Segabinazzi**

Universidade do Vale do Rio do Sinos – Unisinos  
Brasil

## Catchphrases and the delineation of political discussion in Brazil

This article proposes a way of understanding fake news in Brazilian politics based on catchphrases that support it. The path of semiotics is taken: how does a catchphrase, by raising an image, delineate the political debate? From some empirical examples, it is proposed that catchphrases are placed as a formula for accessing an unattainable, but still told Truth.

## Frases de efeito e o delineamento da discussão política no Brasil

**Este artigo propõe uma forma de entendimento sobre as notícias falsas na política brasileira a partir de frases de efeito que as sustentam. Toma-se o caminho da semiótica: como uma frase de efeito, ao suscitar uma imagem, delinea o debate político? A partir de alguns exemplos empíricos, se propõe que as frases de efeito se colocam como uma fórmula de acesso à uma inalcançável, porém ainda assim dita Verdade.**

### Keywords

Catchphrases, Fake news, Truth, Brazilian politics

### Palavras-chave

Frases de efeito, Fake news, Verdade, Política brasileira

## Introdução

As *fake news*, devido ao seu espalhamento e à sua emergência súbita, vêm sendo estudadas sob variados ângulos pela comunicação. Com forte incidência no campo político brasileiro, o fenômeno ganha grande circulação ao tratar de temas partidários, ideológicos, morais – como aconteceu nas campanhas para presidência de 2018. Desde o início da pandemia de Covid-19, além disso, há grande incidência de notícias falsas na área da saúde<sup>1</sup> – e, sendo assunto público, não deixa de envolver política.

Atualmente, instituições democráticas como o Congresso Nacional, o Tribunal Superior Eleitoral e o Supremo Tribunal Federal são atacadas, numa tentativa de lhes desacreditar, a ponto da opinião pública cancelar ameaças e ações contra elas<sup>2</sup>. As eleições de 2022 mostraram que este quadro não apenas continua como a problemática ganhou desdobramentos que merecem atenção da pesquisa em comunicação – afinal, as campanhas de difamação ocorrem também em processo midiáticos, de forma a configurar um ambiente de guerra semiótica.

Nos movimentos socioculturais em rede há divisões políticas acirradas nos últimos anos que contribuem na formação de bolhas discursivas: usuários que interagem com quem compartilham interesses em comum; ali há grande chance de haver circulação de conteúdos que reforcem posicionamentos anteriormente assumidos. Ou seja: a resistência diante de uma notícia falsa é menor, há tendência de confirmar aquilo em que se quer acreditar<sup>3</sup>.

Ao mesmo tempo, a polarização incentiva uma disputa de sentido: além de um grupo construir uma narrativa própria, busca invalidar aquela que é considerada inimiga. Há interesses específicos, como ganhos financeiros (ALCOTT; GENTZKOW, 2017) ou eleitorais (RECUERO; GRUZD, 2019), sim, entretanto, neste artigo me interessa teorizar não sobre lógicas de produção de conteúdos falsos, mas a partir de um ponto de vista de como elas podem ser acreditadas em seu contexto.

Por definição, o mentiroso sabe a verdade – se não toda a verdade, pelo menos a verdade daquilo que pensa, sabe o que ele quer

dizer, sabe a diferença entre aquilo que pensa e aquilo que diz: sabe que mente (DERRIDA, 1996, p. 13).

Ou seja: assumo acreditar que além daquelas que enganam há pessoas enganadas. É a partir das pressuposições quanto a este segundo grupo que minha atual pesquisa se guia, de modo a contribuir com os estudos sobre *fake news* noutra visada: sem invalidar o que é construído na perspectiva de uma guerra semiótica, pressuponho uma crença na busca por uma verdade que independeria dos conflitos discursivos, das tentativas de persuasão. Tal verdade é sustentada e revelada a partir de frases de efeito. O objetivo deste artigo é defender criticamente esta hipótese.

## Verdade e suspeita

Se o assunto é política, os rumos do país, em quem se deve votar, uma primeira hipótese é a de que há maior chance de uma pessoa ser convencida por um conteúdo – falso ou não, que encontra sua oportunidade e sua situação – ao ser disseminado por um usuário aparentemente desinteressado: um “cidadão de bem”, “gente como a gente”, alguém de nosso círculo de confiança, de nossa rede de amigos, que não teria nada a não ser senso cívico ao compartilhar aquilo em que acredita. Essa imagem difere da de atores ou instituições envolvidas com o tema, pois seriam por isso mesmo suspeitas.

Dentre as instâncias suspeitas de que o que profere seja algo duvidoso ou mesmo mesquinho, está exatamente aquela que durante bom tempo foi depositária de confiança coletiva para dizer o que estava acontecendo no mundo: a imprensa. Principalmente após junho de 2013 o relato da mídia hegemônica brasileira passou a ser contestado em nome de narrativas marginalizadas em relação à cobertura tradicional (SEGABINAZZI; MAZZARINO, 2020). Junto a coletivos de jornalistas, ONGs ou movimentos sociais que se sentiram autorizados a ingressar no ecossistema midiático, os relatos em redes sociais passaram a fazer parte do consumo de conteúdo informativo – mesmo não sendo necessariamente jornalísticos.

Nas redes sociais há uma aparente liberdade para consumirmos conteúdos que não são “as mentiras da imprensa”. As notícias produzidas pelo jornalismo foram desacreditadas por se considerar um discurso enviesado, que a “grande mídia” despejaria sobre a população por interesses escusos – possivelmente ligados a algum partido específico ou a grupos econômicos que o financiam<sup>4</sup>.

Com discursos variados em circulação, um usuário pode usar de sua “liberdade” para escolher aqueles que mais lhe agradam – e rejeitar, com base em seus próprios valores, “as mentiras da mídia”. Conforme Lazer et al (2018), canais de notícias falsas se aproveitam por não ser preciso respeitar as normas e os processos editoriais da imprensa,

<sup>1</sup> Levantamento mostra que Brasil é o único país em que circulou com frequência notícias falsas sobre medicamentos ineficazes contra a Covid-19. Um ano e meio depois, um pré-candidato ao governo estadual do Rio Grande do Sul voltou a defender tratamentos precoces, desacreditados pela ciência. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2020/11/brasil-e-unico-pais-onde-fake-news-sobre-cloroquina-ainda-circulam-com-frequencia.shtml> e <https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/reportagem-matinal/sabatina-heinze-tratamento-precoce-proxalutamida/>.

<sup>2</sup> Devido a decisões que desagradaram ao governo eleito, o Supremo Tribunal Federal tem recebido ataques direcionados à corte e aos ministros que a compõem, tanto por aliados quanto por seus apoiadores. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/marcha-dos-300-de-sara-winter-nao-tinha-nem-30-em-proteto-contra-stf-24455292> e <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/04/20/julgamento-stf-daniel-silveira.ghtml>.

<sup>3</sup> A partir de preconceitos e certezas, um conteúdo duvidoso, ou mesmo uma notícia falsa pode ser acreditada como verdadeira a partir do “viés de confirmação”: a tendência de acreditar naquilo que reforce sua narrativa de mundo e de rejeitar aquilo que questione (RECUERO; GRUZD, 2019).

<sup>4</sup> Esta crítica – que tem sua pertinência – embalou manifestações socioculturais – como Occupy, Primavera Árabe, Junho de 2013, Indignados – ao longo das últimas décadas e encontrou facilidade nas tecnologias e redes emergentes para criar um ambiente de suspeita sobre a tradicional construção midiática da realidade localizada num “polo emissor”; é parte deste fenômeno o que Castells (2011) chamou, à época, de “autocomunicação de massas”.

que garantem alguma precisão e credibilidade das informações. Com tal “licença poética”, as narrativas se veem livres para atender ao que esperam as mentes descrentes das instituições tradicionais.

O que temos aqui é uma tensão entre uma “verdade oficial e crenças pessoais; um discurso que viria de cima e relatos que adviriam de baixo, dos lados; uma voz oficial, autorizada, e vozes marginais. Em suma, não é difícil pensar numa imagem que coloca antagonicamente poder x povo.

Em trabalho anterior (SEGABINAZZI, 2021), localizei uma raiz comum das fake news com os estudos sobre boatos: ambos se valem de uma “aura autêntica” diante do rito oficial que ocorre na imprensa ou em instituições públicas. Com campanhas que buscam desacreditá-las, a desconfiança sobre elas se aproxima do descrédito convicto. Enquanto a informação oficial ou a notícia são produtos prontos, fechados, o boato não possui tal rigidez e é marcado por receber contribuições que o levarão adiante, conforme Lasbeck (2000, p. 9): “O boato, herdado da tradição oral, tende a ganhar novas formas, sem perder sua área de atuação já consagrada: os espaços proibidos da transgressão e da subversão da ordem constituída”.

Os boatos não incomodam só porque são ‘falsos’... se fosse assim ninguém os levaria em conta. Acredita-se neles precisamente porque sucede muitas vezes serem ‘verdadeiros’; como nos casos de fugas e de segredos políticos divulgados. Os boatos incomodam porque são uma informação que o poder não controla. Paralelamente à versão oficial nascem outras verdades: a cada um sua verdade (KAPFERER, 1987, p. 18).

O que boatos fazem, nesse sentido, é sinalizar que “deve existir algo” por baixo de toda essa aparência – este algo seria a “verdade” que diverge do que aparenta e que se alinha com o que se acredita, segundo Lasbeck (2000, p. 6): “o boato dirige-se a alguém porque possui motivação suficiente para chegar ao público que pretende atingir”. Essa “pertinência” de um boato, ou de uma notícia falsa, está na possibilidade de ser verdade – do contrário, a “verdadeira verdade” acabaria por se impor e o destruiria.

Se a notícia é uma condição de *sobrevivência* – uma informação útil para o cidadão (MARCONDES FILHO, 2000) –, o boato é uma questão de *convivência*: as notícias fecham possibilidades sobre um acontecimento; ao mostrar algo, encerram a discussão naquilo que afirmam; seu efeito é redutor e atrofia as possibilidades interpretantes; o boato, num sentido contrário, ao se alastrar torna-se também incluyente, pois recebe outra versão na cabeça do interpretante, de modo que o objeto a que se refere não seja mais o inicial, mas o imediatamente anterior, diz Lasbeck (2000, p. 6): “o que nos leva a concluir que o boato é um meta-signo, pois não pretende mais levar o interpretante ao seu objeto, senão às múltiplas possibilidades interpretantes que incorpora a cada transmissão”.

Assim, o boato não representa seu objeto somente para alguém, mas principalmente por alguém que o interpretou – e aí está a possibilidade do boato se aproximar da “autenticidade de um usuário desinteressado”. Além disso, há uma “estética do choque” que ao invés de apresentar uma aparência, traz um registro daquilo que irrompe, num “encontro violento com o real que não pode ser simbolizado”, diz Polydoro (2016, p. 5) em relação a vídeos amadores – ruidosos, tremidos, desfocados – que seriam mais autênticos que a edição limpa da “mídia”.

“[...] a crueza sugere que o conteúdo deve ser real – parece verdadeiro, pois não parece editado –, e que foi somente encontrado e compartilhado pelos usuários amadores, que possuem esperança que as demais pessoas também descubram ‘A verdade’” (ORLANDIN; MONTAÑO, 2019, p. 13-14).

Os conteúdos que nos aparecem nas redes sociais aparecem como e se parecem com algo não-mediado, que não sofreu interferência de uma mediação tradicional – como de um jornalista, por exemplo: um sujeito que interpreta a realidade segundo determinados valores convencionais, gerais, mas que, invariavelmente, passam pelo seu corpo e sua história – únicos e inalienáveis. Nessa visão, uma notícia que está na TV passou pela mão de muita gente interessada em sua veiculação. Logo, seria suspeita – nesta visão hostil.

A sofisticação da mídia beiraria o artificial, aquilo que não é natural, que estaria longe do “real”, do “mundo da vida”, cheio de contradições que não cabem numa reportagem de três minutos e meio. Na imprensa não haveria, ainda segundo esta visada, a espontaneidade que há nas redes sociais: assim se entende que um “cidadão” compartilha algo porque acredita naquilo, porque não é interessado, não está sendo pago por ninguém, nem é um “especialista financiado por grandes empresas”. Quem compartilha “as notícias que a imprensa não quer mostrar” estaria fazendo por revolta, cidadania e esperança.

Tal imagem causa uma impressão de verdade ao que um contato está dizendo, algo que pode ser resumido na frase “Isso a Globo não mostra”.

Esta menção à frase não é à toa: o que persigo é pensar nestas frases de efeito que surgem nas redes sociais envolvendo a política – que podem, talvez, virar *hashtag* no Twitter ou um meme para compartilhar; como podem causar uma impressão de verdade devido à sua materialidade e ao contexto em que surgem, de modo a delinear o debate a partir de seu entendimento – que, entretanto, pode ser questionável, ilógico, ou absolutamente deplorável.

### O que pode uma frase de efeito?

Pretendo aqui tratar da potência de frases de efeito que encontram nas redes sociais o ambiente ideal para se espalhar: devido à velocidade e facilidade para serem compartilhadas, pela tomada de posição que suscitam, pelo aparente entendimento imediato sobre algum assunto que proporcionam, pelo poder de sedução que trazem em sua materialidade. Enquanto as mensagens da imprensa têm horário nobre para aparecer, uma roupagem adequada e um certo decoro em seu conteúdo, uma frase-de-efeito nos aparece quase aleatoriamente, no mínimo inesperadamente, muitas vezes de forma crua e sem pudores: nos pega no contrapé – e talvez por isso nos desestabilize a ponto de levarmos ela em consideração.

Tomando o pensamento como uma “organização de conceitos” – e os conceitos, por sua vez, como uma palavra que busca fazer a ponta até “a coisa” –, Flusser (2011) considera o intelecto como o campo onde *ocorrem*<sup>5</sup> organizações linguísticas: “‘Pensamento’ e ‘frase’ são, portanto, sinônimos como o são ‘conceito’ e ‘palavra’” (p. 53). É possível, a

<sup>5</sup> É no intelecto que a lógica ocorre, não é o intelecto que as produz, segundo ele, nietzscheanamente, propõe.

partir disso, pensar na frase como elemento de considerável poder retórico, este podendo ser aquilo que confere a credibilidade que uma informação, mesmo sendo falsa, incrivelmente recebe na mente de seu interpretante.

É difícil contornar uma frase bem-feita. Boas frases, de tão bem-feitas, só podem apontar para verdades escondidas – tal qual se acredita que “um raio nunca cai duas vezes no mesmo lugar” mais pela forma da frase do que por sua pertinência em relação ao que pretende dizer: a beleza vem como uma revelação. Com o conceito de *kalokagathia*, os gregos antigos identificavam o belo com o bom e o verdadeiro (ECO, 2011).

Uma frase-feita é como uma pérola: está pronta, intocada e intocável, esculpida por sua “própria natureza”, por isso também é irretocável; é como uma emergência virgem da realidade: não haveria ali nada mediato, pensado, artificial, apenas espontaneidade. Por isso mesmo é que seria crida como verdadeira – inquestionável por ser autêntica, universal e a-histórica.



**Figura 1** — Tweet do Presidente da República Jair Bolsonaro sobre a morte de Lázaro Barbosa por policiais. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1409523075708751877>.

Uma frase assim busca dar conta da complexidade da realidade como se estivesse resolvendo uma equação matemática e matematizável. Sua brevidade se assemelha à de uma fórmula – tal como  $E = mc^2$  – que contém em si todos os segredos particulares dos elétrons e também fundamenta a lei do que seria imutável. O efeito desta fórmula, da frase desta forma, é o de “traduzir perfeitamente” aquilo que seria universal e necessário independentemente do observador; logo, verdadeiro: soa como uma revelação.

A partir disso é que proponho que uma boa frase de efeito tem esse poder quase hipnótico de delinear a realidade, complexa, e lhe direcionar rumo a um entendimento unívoco, submetendo o debate a uma interpretação estreita – que pode ser tão falsa ou tão verdadeira quanto um boato. De certa forma o que ela faz é esconder o objeto a que se refere, mostrar a si mesma, e conduzir às interpretações possíveis que abriu ao ser pronunciada.

A lógica de pensamento é a mesma que usei referente à pertinência do termo “informação falsa”: ao contrário das considerações que dizem que “a informação nunca seria falsa” – pois sua essência é informar e isso só poderia ser feito verdadeiramente –, argumento que “a informação não somente mostra algo, mas faz ver algo da forma que a informação propõe” (SEGABINAZZI, 2021, p. 188). Portanto, mesmo falsa, informa, não desinforma – informa mal, mas informa.

Para Baudrillard (1997, p. 62), é a condição da informação em seu “estágio meteorológico”: “a realidade termina por se adaptar às especulações (intempestivas)”. Semelhante é o que Flusser (2013) propõe em relação ao conceito: depois da invenção da alavanca, todo pedaço de pau passa a

ser visto com a possibilidade de adquirir tal função ou significado. A informação não só aponta para o mundo como o constrói: a partir das imagens em Flusser, Seligmann-Silva (2018) diz que elas não significam mais o mundo – o criam. Teria uma boa frase potencial para criar um mundo? “No início era o verbo”.

Quando menciono que uma frase de efeito parece delinear a discussão política para uma forma de entendimento estreita, imagino-a como algo complexo, um objeto dinâmico – que na semiose corresponderia à “realidade”. Uma verdade só seria possível a partir de um “interpretante final” – que é o motor das semioses, mas ao mesmo tempo uma quimera inalcançável. Por mais que um processo semiótico se desenvolva criticamente, revendo sua capacidade de aderência ao objeto a que se refere, uma coisa nunca corresponderá à outra. A semiótica peirceana considera que o signo está sempre “a meio caminho da verdade”, conforme Silva et al (2013). Este objeto dinâmico, inevitavelmente fugidio, passa a ser visto através de uma janela: aberta por uma frase, por um conceito, por uma imagem.

Como os símbolos são fenômenos que substituem (‘significam’) outros fenômenos, a comunicação é, portanto, uma substituição: ela substitui a vivência daquilo a que se refere. Os homens têm de se entender mutuamente por meio dos códigos, pois perderam o contato direto com o significado dos símbolos (FLUSSER, 2013, p. 130).

É possível usar imagem como metáfora para uma frase de efeito, mas não é forçado imaginar que uma frase de efeito cria, com ela, uma imagem. Estas têm o propósito de representar o mundo, com o preço de se entropem entre o mundo e o ser humano. Por não se poder acessar o mundo imediatamente e pela incontornabilidade da mediação (GUMBRECHT, 2010) é que as imagens são mais do que representações do mundo: “essas novas imagens são agora uma articulação do pensamento” (FLUSSER, 2011b, p. 23). Além disso, imagem e mundo “se encontram no mesmo nível do real”.

O regime significante do signo (o signo significante) possui uma fórmula geral simples: o signo remete ao signo, e remete tão somente ao signo, infinitamente. É por isso que é mesmo possível, no limite, abster-se da noção de signo, visto que não se conserva, principalmente, sua relação com um estado de coisas que ele designa nem com uma entidade que ele significa, mas somente com a relação formal do signo com o signo enquanto definidor de uma cadeia dita significante (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 62).

De um modo aproximado, Silveira (2021) trabalha com a ideia de hiperstição – um estágio hiper da superstição, uma profecia autorrealizada: o discurso são mimetizaria a realidade, mas a agenciaria a partir da conexão com elementos míticos. Mesmo o presente pode ser perpassado por um futuro fantasiado ou um passado revisitado. Esta estratégia, diz Silveira (2021, p. 5) vem sendo trabalhada na política tanto pelos movimentos sociais de direita quanto pelos de esquerda:

A diferença entre ambas reside no modo como produzem ênfases e disjunções na linearidade e na causalidade históricas, obtendo o presente vivido como resultado de uma retroatividade, na qual a promessa de bonança sobrepõe o miserabilismo, ou de uma ação projetiva, na qual o desencantamento é certo e o futuro é nulo.

A discussão política, por exemplo, passa por tais referências míticas ou mágicas – que podem não ter ligação nenhuma com a “realidade”. Assim foi trabalhada a ideia de “imagens de fundo mítico” (SEGABINAZZI; HENN; AMARAL, 2021) ao analisar o vídeo de gravação da reunião ministerial de 2020 do governo Bolsonaro. Ali foi constatada a invocação de expressões que não se ligavam ao contexto, que eram autônomas à situação em questão – que passava, então, a ser lida a partir destas imagens, estrategicamente acionadas. As sensações alinhadas às visões de mundo pessoais caracterizam o próprio fenômeno da pós-verdade, conforme Santos (2021, p. 66): “Há na contemporaneidade uma hipervalorização dos testemunhos e das vivências enquanto radicalização de um regime epistemológico que toma a experiência e a crença como vias privilegiadas para a produção do conhecimento”.

Isto é característico do “pensamento imagético”, que se baseia na obra de Vilém Flusser. Saímos de um pensamento baseado em textos, que relaciona causa e efeito devido à sua linearidade, para um raciocínio circular, baseado em imagens. Esta perspectiva é trabalhada também por Souza (2020, p. 2), que viu nas táticas bolsonaristas de difamação uma busca por uma imagem contra a qual não haveria argumentos, numa lógica em que a conclusão está contida na premissa: “no qual a relação é direta com o significado a partir do repertório interno, e não com os motivos ou consequências da cena”.

Se é possível pensar que as imagens se entropem entre o ser humano e o mundo, perceberemos que as imagens estão entre nós e que nós estamos entre imagens. Logo, teremos que admitir que nós e as imagens nos encontramos no mesmo nível: estamos misturados a elas, nos referimos a elas. Com isso, é possível este uso metafórico da imagem como não sendo uma enganação da realidade, mas sendo elas também elementos da realidade. Isto é fundamental: não percebemos o mundo imediatamente, mas a partir do processamento de impulsos que processamos e transformamos em percepções – imagens. Tais impulsos e percepções podem ser catalisados por frases de efeito como as que encontramos na política brasileira.

[...]

A impossibilidade de uma verdade universal, mas também de uma leitura unívoca sobre a política, permite que forças interpretantes variadas conduzam a sentidos também variados. Entretanto, uma coisa é entender que não há verdade possível, outra é pensar que não haja verdades desejáveis. Há uma vontade de verdade, uma busca por entendimento que possa resolver nossos problemas e guiar nossa ação no mundo. Não é porque a verdade é impossível que ela não seja, ainda, desejável. Para Peirce (2008), acreditar é quase uma meta do ser humano. O estado da dúvida é desconfortável, uma insatisfação da qual lutamos por nos libertar. A crença é um estado calmo, ao qual nos agarramos, seja ele verdadeiro ou não.

Não há acontecimento ou fenômeno sem múltiplo sentido – este dependerá das forças que se apoderarem da coisa. Isso coloca em cheque um dos princípios da lógica tradicional da “não-contradição”: uma coisa pode ser isto ou aquilo e ainda pode ser isto e aquilo também, conforme a leitura de Deleuze (2001, p. 10): “Uma coisa possui tanto mais sentido quanto haja forças capazes de dela se apoderarem”.

Por outra via, a do Ser, Eco (1998, p. 28-29) considera que basta pararmos à sua frente para que uma interpretação seja suscitada: ao falarmos sobre o Ser, já o interpretamos. Porém, nem mesmo a linguagem define o Ser: “O ser é aquilo que permite cada definição sucessiva. Mas cada definição é efeito de organização lógica e, portanto, semiótica do mundo”. Dito desta forma fica mais fácil entender a ideia de “multiverdades”: são interpretações possíveis, o contrário de uma verdade necessária – como se não fosse possível dizer outra coisa.

“Somos pessoas normais, podemos até viver sem oxigênio, mas jamais sem liberdade”, cravou, novamente, Bolsonaro em um evento em Orlando em que falava a seus apoiadores que era contrário à descriminalização do aborto, às drogas e ao que chama de “ideologia de gênero”<sup>6</sup>. Temos aqui mais um exemplo da frase que mostra a si mesma, em sua “beleza”, para tentar esconder aquilo a que se refere – que é a defesa de pautas que podem ser consideradas como antilibertárias.

Este é um debate moral, que está longe de levantar um consenso, muito menos prover uma verdade necessária – por isso mesmo é que suscita interpretações variadas. Uma frase de efeito, tal qual uma imagem, ao se colocar como janela para a “realidade” é também uma lente que ajusta tal realidade ao seu grau: faz ver da forma que a janela enquadra. Segundo Flusser (2011b, p. 30), as imagens, ao mostrar o mundo, se tornam objetivas e tornam objetiva a própria realidade por “não haver linha ideológica”: “Elas são dificilmente decifráveis pela razão curiosa de que aparentemente não necessitam ser decifradas”. Tendo isso em mente, é preciso, então, rejeitar argumentações que tentem validar o falso como uma interpretação possível – ou se estaria dando validade às próprias *fake news* – já basta quem as chame de liberdade de expressão<sup>7</sup>.

[...] dizer que não existem fatos mas apenas interpretações significa, por certo, dizer que aqueles que nos aparecem como fatos são efeito de interpretação, mas não que cada interpretação possível produza algo que, à luz de sucessivas interpretações, somos obrigados a considerar como se fosse um fato (ECO, 1998, p. 47).

Entretanto, não basta que algo seja falso para, por isso, ser desacreditado. Tampouco basta que algo seja verdadeiro para ser prontamente crido. Se a verdade fosse por isso desejada e a falsidade fosse rejeitada não nos debateríamos com esta problemática. Para Gonçalves (2019, p. 2), é isto que caracteriza a relatividade da verdade:

A verdade depende de algo que lhe é exterior, sendo este algo de alguma forma condicionante. A verdade, assim, seria relativa a alguma coisa, no sentido de depender dessa alguma coisa para se constituir e existir. Em oposição à tese da verdade absoluta, que de nada depende, a ideia de que a verdade é relativa, de que a verdade é dependente.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/06/5014758-pessoas-podem-viver-sem-oxigenio-mas-jamais-sem-liberdade-diz-bolsonaro.html>

<sup>7</sup> O governo Bolsonaro tem criticado iniciativas de combate às notícias falsas alegando o direito à liberdade de expressão. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/defesa-da-liberdade-de-expressao-por-bolsonaro-e-armadilha-dizem-especialistas.shtml>

Além disso, uma narrativa falsa não é pautada pelo limite que um relato baseado na realidade tem; corre paralelamente, num espaço de menor resistência. Conforme Silva (2019, posição 593-607): “Contra a discricção do verdadeiro, a obscenidade do falso. Contra a lentidão da verdade, a celeridade do celerado”. Neste movimento mais solto, o falso pode se valer de mais elementos para seduzir as mentes – que se não desejam verdade, desejam ao menos crenças, conforme Peirce (2008).

Uma das formas pelas quais se é incitado a crer em algo, é pelo temor de algum inimigo que suscite uma tomada de posição – conforme apontam também Tandoc, Wei Lim e Ling (2018). Semioticamente falando, o bem não existe em si mesmo, mas é marcado pela oposição: é o negativo da imagem do mal. Assim, o mal é imaginado, identificado, associado, construído, para que haja terreno para o bem “florescer”. Entretanto, lembra Bauman (2011), não há garantia alguma de que o que virá no lugar do mau será bom. E se o que vier for bom, nada garante que seja suficientemente bom, já que o dilema entre o bem e o mal é enfrentado continuamente.

Ter um inimigo é importante, não apenas para definir a nossa identidade, mas também para arranjarmos um obstáculo em relação ao qual seja medido o nosso sistema de valores, e para mostrar, no afrontá-lo, o nosso valor. Portanto, quando o inimigo não existe, há que construí-lo (ECO, 2011, p. 12).

“O nosso inimigo não é externo, é interno. Não é uma luta da esquerda contra a direita, é uma luta do bem contra o mal”, declarou Bolsonaro durante o lançamento de sua pré-candidatura à reeleição<sup>8</sup>.

Na política brasileira há traços de populismo e os movimentos que buscam emplacar uma *hashtag* podem ser considerados como fenômeno de massas – de pessoas e de robôs. Tais características sugerem atenção aos estudos do autoritarismo, como de Eco (1998b): ele elencou 14 características que seriam inerentes ao fascismo – o Ur-fascismo, “fascismo eterno” – e uma delas, a última, é a Novílingua, no estilo de 1984 de George Orwell. Portanto, a atenção às frases circulantes no debate político e o entrelaçamento delas às disputas semióticas e à materialidade das redes, parece interessante para a pesquisa em comunicação.

## Considerações finais

As frases de efeito parecem ser um bom meio para colar sentidos variados ante uma realidade cada vez mais fugidia e distante, permeadas por imagens que delineiam o debate político e criam um clima de rivalidade. Se, como diz Flusser (2011, p. 53), “a análise da frase e das relações entre as frases equivale à análise do intelecto”, é possível com isso entender, de alguma forma, como é possível a crença em conteúdos questionáveis e/ou absurdos – além de notadamente falsos.

Prontamente se poderia supor que tal fenômeno é causado pela simples ação político-partidária: militantes e perfis automatizados fariam circular conteúdos advindos de um núcleo e esta replicação em massa ganharia quantidade e

impressão de multidão. Esta hipótese deve, primeiramente, ser levada em conta, para ser aceita com ressalvas e ser, então, ignorada: se assim fosse, simplesmente, não haveria ninguém que pudesse ser convencido por tais conteúdos – logo, estes seriam também inócuos –, se dissolveriam assim que ganhassem circulação; também não seria o caso da comunicação investigar: não por ser um caso de polícia, mas porque não haveria, ali, comunicação<sup>9</sup>, somente o seguimento tático de uma diretriz vertical de agentes interessados. Importa, sim, investigar como é que tal estratégia ganha horizontalidade e apoio: de que forma tais conteúdos, que podem ser ilógicos, são levados em conta – afinal, a intenção do emissor é essa.

É interessante manter atenção, com isso, às teorias da comunicação que vêm percebendo cada vez mais agência ou ao menos resistência no que já foi considerado “receptor”: aquele cidadão isolado da sociedade de massas. Neste fenômeno contemporâneo há algo a ser reconsiderado.

---

<sup>9</sup> Tomo por comunicação a noção de Ciro Marcondes Filho (2019, p. 19), que considera um “acontecimento comunicacional” algo capaz de nos “desarranjar, de nos desestabilizar, de provocar” e também de nos transformar a partir de uma experiência que faz com que não sejamos mais da mesma forma que éramos antes. Ou seja, tomo essa noção especificamente para pensar em quem é, de alguma forma, afetado pelas mensagens em questão, não em quem é “ativado” para repassar algo – como um robô, maquinício ou não.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-define-eleicoes-de-2022-e-uma-luta-do-bem-contra-o-mal>.

## Referências bibliográficas

- ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social Media and Fake News in the 2016 Election. In: *Journal of Economic Perspectives*. v. 31, n. 2, Spring, 2017 (p. 211-236).
- BAUDRILLARD, Jean. *Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. *Bauman sobre Bauman: diálogos com Keith Tester*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- CASTELLS, Manuel. *Comunicación y poder*. Madri: Alianza, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol.1 2. ed. São Paulo: 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. 2. ed. Porto: Rés, 2001.
- DERRIDA, Jacques. *História da mentira: prolegômenos*. In: *Estudos avançados*. vol.10 n.27 São Paulo: Mai-Aug, 1996. Disponível em [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141996000200002&gt;..](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000200002&gt;..)
- ECO, Umberto. *Construir o inimigo*. In: ECO, Umberto. *Construir o inimigo e outros contos ocasionais*. Lisboa, Gradiva, 2011. (p. 11-35).
- ECO, Umberto. *Kant e o ornitorrinco*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. In: ECO, Umberto. *Cinco escritos morais*. Rio de Janeiro: Record, 1998b.
- FLUSSER, Vilém. Interviewed by Miklós Peternák – I (1988, unpublished). In: *Intersubjectivity: media metaphors, play & provocation - 6th international Vilém Flusser symposium & event series*, Budapeste, mar. 1997. Disponível em: <http://www.c3.hu/events/97/flusser/participantstext/miklos-interview.html>.
- FLUSSER, Vilém. *A dúvida*. São Paulo: Annablume, 2011.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2011b.
- FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2012.
- GONÇALVES, Márcio Souza. *Foram os aliens: verdade, crença e comunicação de massa*. In: *XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - MG, 11 a 14 de junho de 2019*. Anais eletrônicos... Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos\\_arquivo\\_GL4U0KKPDAZCR-X18WA7B\\_28\\_7455\\_21\\_02\\_2019\\_11\\_21\\_47.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_GL4U0KKPDAZCR-X18WA7B_28_7455_21_02_2019_11_21_47.pdf).
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.
- IASBECK, Luiz Carlos A. *Os boatos - além e aquém da notícia: versões não-autorizadas da realidade*. In: *Lumina - Facom/UFJF - v.3, n.2, p.11-26, jul./dez. 2000*.
- KAPFERER, Jean-Noël. *Boatos: o meio de comunicação mais velho do mundo*. Portugal: Publicações Europa América, LDA, 1987.
- LAZER, David; BAUM, Matthew; BENKLER, Yoichi; BERINSKY, Adam; GREENHILL, Kelly; MENCZER, Filippo; METZGER, Miriam; NYHAN, Brendan; PENNYCOOK, Gordon; ROTHSCCHILD, David; SCHUDSON, Michael; SLOMAN, Steven; SUNSTEIN, Cass; THORSON, Emily; WATTS, Duncan; ZITTRAIN, Jonathan. *The science of fake news: addressing fake news requires a multidisciplinary effort*. In: *Science*, v. 359, n. 6380, março de 2018. (p. 1094-1097). Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/359/6380/1094/tab-article-info>.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. 2. ed. São Paulo: Hacker, 2000.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *A questão da comunicação*. In: *Paulus - Revista de Comunicação da Fapcom*. São Paulo, v. 3, n. 5, jan./jul. 2019 (p. 17-26). Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/87/81>.
- ORLANDIN, Jardel; MONTAÑO, Sônia. *Pós-verdade em imagens técnicas: como a tecnocultura contemporânea em rede ressignifica os usuários comuns e atribui novos valores às imagens*. In: *XII Simpósio Nacional da ABCiber*. Porto Alegre-RS, julho de 2019.
- PEIRCE, Charles Sandres. *A fixação da crença*. In: *BOCC - Biblioteca Online das Ciências da Comunicação*. Tradução de Anabela Gradim Alves, 2008 (23p.). Originalmente publicado em *Popular Science Monthly* 12, nov, 1877. Disponível em: [http://www.lusosofia.net/textos/peirce\\_a\\_fixacao\\_da\\_crenca.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/peirce_a_fixacao_da_crenca.pdf).
- POLYDORO, Felipe. *Realismo, verdade e política em vídeos amadores de acontecimentos*. In: *XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 07 a 10 de junho de 2016*. Anais eletrônicos... Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/artigocompo\\_s2016final\\_3333.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/artigocompo_s2016final_3333.pdf).
- RECUERO, Raquel. *GRUZD, Anatoly. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter*. In: *Galáxia*, n. 41, mai-ago., 2019. (p. 31-47).
- SANTOS, Allan. *A construção da verdade Bolsonarista*. In: *REVISTA DISPOSITIVA*, v. 10, n. 18, p. 63 - 88 - ago/dez (2021). (p. 63-88) Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/23205/19041>.

SEGABINAZZI, Tiago. Facada News: pós-verdade e notícias falsas no Twitter em torno do atentado a Bolsonaro. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2021.

SEGABINAZZI, T.; HENN, R.; AMARAL, A. Imagens (in) atuais: sentidos emergentes no vídeo da reunião ministerial. Intexto, Porto Alegre, n. 52, p. 112295, 2021. DOI: 10.19132/1807-8583202152.112295. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/112295>>.

SEGABINAZZI, Tiago; MAZZARINO, Jane. Narrativas midiáticas contra-hegemônicas: midiativismo e jornalismo independente como condição de visibilidade. In: Narrativas midiáticas contemporâneas: epistemologias dissidentes. (Org.) MAIA, Marta. PASSOS, Mateus Yuri. Santa Cruz do Sul, Catarse, 2020. Disponível em: <[https://www.editoracatarse.com.br/wp-content/uploads/2020/11/Narrativas\\_Midiaticas\\_Contemporaneas\\_Epistemologias\\_Dissidentes.pdf](https://www.editoracatarse.com.br/wp-content/uploads/2020/11/Narrativas_Midiaticas_Contemporaneas_Epistemologias_Dissidentes.pdf)>.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Flusser e a cidade como Gesamtkunstwerk (obra de arte total). In: Galáxia (São Paulo, online). n. 39, set-dez., 2018. (p. 124-135). Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/34154>>.

SILVA, Alexandre Rocha da; ARAUJO, André Corrêa da Silva de; MELLO, Jamer Guterres de; CONTER, Marcelo Bergamin. Deleuze e a semiótica crítica. In: Semeiosis: semiótica e transdisciplinaridade em revista, v. 4 n. 1, jul. 2013. Disponível em: <<https://semeiosis.com.br/issues?issue=cmAp9PGQNSxRuT5n0GVK&article=UurO2dGv-w4xq9rUNAD6A>>.

SILVA, Juremir Machado da. Fake news, a novidade das velhas falsificações. In: As fake news e a nova ordem (des) informativa. FIGUEIRA, João; SANTOS, Sílvio. Imprensa da Universidade de Coimbra: Coimbra, 2019. Documento disponível para Kindle.

SILVEIRA, Fabrício Lopes da. Hiperstição e geotrauma em Cyclonopedia. Complicity with anonymous materials, de Reza Negarestani. In: Semeiosis: semiótica e transdisciplinaridade em revista, v. 9 n. 2, dez. 2021. Disponível em: <<https://semeiosis.com.br/issues?issue=p8wNnIEhYa-81AH2PGZ8V&article=s4wcG4zdaNeaBr2TXLQL>>.

SOUZA, Vinicius. Não farás para ti imagem: fé, política e pensamento mágico-imagético-circular. REGIT, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 87-97, jun. 2020. ISSN 2359-1145. Disponível em: <<http://www.revista.fatecitaqua.edu.br/index.php/regit/article/view/REGIT13-A7>>.

TANDOC, Edson C.; WEI LIM, Zheng; LING, Richard. Defining “Fake News”. In: Digital Journalism. v. 6, n. 2, 2018. (p. 137-153). Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4948550/mod\\_resource/content/1/Fake%20News%20Digital%20Journalism%20-%20Tandoc.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4948550/mod_resource/content/1/Fake%20News%20Digital%20Journalism%20-%20Tandoc.pdf)>.